



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

História

Carlos Lino da Fonseca





História completa

IDENTIFICAÇÃO

Meu nome é Carlos Lino da Fonsêca, eu nasci no dia 21 de outubro de 1950, sou maranhense, nasci no centro da cidade, no antigo Beco do

Rancho aonde o Papa ficou hospedado. Meu apelido é Fidélis, porque meu pai era professor da escola técnica, eu era aluno, e os outros professores começaram a me chamar de Fidelinho, Fidelinho para lá, Fidelinho para cá, aí ficou Fidélis, não teve mais jeito. De um apelido virou um nome benéfico, que me dá muita sorte.

ORIGEM

Meus pais são maranhense também, do Obscenso. Meus avós são do interior maranhense, da Baixada, eles são de Cajapió. Na minha família tem negro, italiano e português, aí nasceu esse mulato aqui, mais sete irmãos, comigo oito.

INFÂNCIA

É o que eu estou te falando, você conhece São Luís do Maranhão? Você conhece a igreja Santo Antônio? A Escola Modelo? Então meu mundo foi aquilo ali. Atrás da escola Modelo tem uma rua chamada rua da SAVEDA, então eu morava no Mirante, empinava papagaio lá, jogava pedra na casa do vizinho, então minha infância foi boa, estudei na Escola Modelo e no Jardim Antônio Lobo e de lá fui para a escola técnica, onde me formei. Não me formei em curso superior não, eu sou técnico.

ATIVIDADES PARALELAS

Comecei a pintar desde de criança, desde quando me entendo como gente, eu faço desenhos. Fui ganhando prêmios, fazendo trabalhos para os outros, comecei a ganhar. Meu pai era desenhista, professor de artes industriais, dava aula de arte. Aí um dia eu me casei, tinha 13 anos, me casei, precisava ganhar dinheiro e nem sabia que era desenhista. Um dia passando pela TV Educativa eu vi uma placa lá "Precisa-se de desenhista", aí a professora me deu um papel, um lápis, disse: "Desenha um menino aí arrumando uma sala de aula". Quando terminei, ela disse: "Emprega ele" Aí me empregou, e eu entrei na TV Educativa. Com 13 anos já trabalhava na TV Educativa como desenhista.

CASAMENTO

Eu casei porque o maranhense tem um defeito muito grande, de não gostar de sair da terra dele. Por exemplo, eu não casei por amor eu casei pela minha filha, eu imaginava minha filha uma prostituta e para evitar essas coisas eu resolvi me casar, minha mulher tinha 13 anos, ela é de 28 de dezembro e eu sou de 21 de outubro. Hoje, nós estamos separados, meus filhos já são todos formados, tenho quatro netos, já casei de novo, já tenho filho com a outra que eu vivo.

TV Educativa

Cheguei na TV Educativa e fui trabalhar com desenho, muito bem aceitos. Um dia a minha professora falou: "Olha, eu tenho que dizer uma coisa que nunca te disse, mas os alunos não perdiam uma aula por causa do teu desenho. Eu tinha medo de te falar essas coisas e tu ficar vaidoso e não trabalhar mais com a gente aqui". Depois da TV Educativa eu fui contratado por uma Agência de Publicidade, a Promove, e lá encontrei um cara que eu considero um gênio, o Bandeira Tribuzi, que me levou para trabalhar com ele.

Jornal O Dia

Aí, quando eu chego lá no antigo jornal O Dia, falei: "Eu queria falar com o Bandeira Tribuzi", "Olha, entra nessa sala aqui à direita". Cheguei lá, encontrei um cara com um óculos na cabeça assim, batendo a máquina, ele ficou batendo falou: "O que você deseja?", "Não sei, você mandou me chamar", "Como é seu nome? Ah, você que é o Fidelis? Rapaz eu te chamei para ser cartunista de jornal". "Rapaz eu não sei nem o que é isso". "Tu não sabe o que é cartunista?" "Não". "Mas você é muito bom, não se preocupa que você vai chegar lá". Ele é cartunista, e no AI-5 a polícia prendia a gente, eu nunca fui preso, mas ele foi. Até que um dia, o Bandeira Tribuzi chegou para mim, falou: "Eu quero que você faça um cartoon aí, de um menino que acabou de assaltar uma roleta, eu queria que fizesse a caricatura do garoto assaltando a roleta". Aí eu fiz, saiu no jornal, que era um tablóide cor de rosa. Depois do almoço todo mundo ficava sentado no pátio pegando aquela brisa do mar, lá na praia, aí parou um Maverick, aquele carro vermelho bonito. Desceu um cara com uma pasta presidente, perguntou para mim: "Quem é Fidelis aí" "Rapaz ele está de férias". Era o diretor do jornal atrás de mim. Aí ele e o Bandeira Tribuzi brigaram, discutiram, quase saíram nos tapas lá: "Meu filho não é ladrão, como é que tu bota meu filho no jornal?" "Mas eu tive que dizer para ele que eu estava de férias.

Quebra-quebra no jornal

De uma outra vez ele chegou para mim e disse: "Faz um cartoon do Nunes Freire" Nunes Freire era inimigo dele político, entendeu, aí ele falou: "Faz do Nunes Freire", era um governador com uma espingarda de dois canos na mão, dois capangas, cada um com dois rolos de arame farpado na cabeça e ele atirando naquele bando de gente correndo nas fazendas. Aí no outro dia chegou a polícia federal, quebrou o jornal todo, botou todo mundo para correr e eu lá nas bobinas de novo, lá escondido. Aí o jornal passou um mês sem circular. Aí o Sarney que eu trabalhava na época com ele, comprou uma bola e a gente ia bater bola na praia. Um mês batendo bola, chegava lá batia o ponto e ia jogar bola na praia.

Depois de um mês liberou o jornal. Compramos outras máquinas e continuamos a trabalhar. Depois de lá, que eu estava um bom tempo trabalhando na Editora João Bosco, que era o Estado do Maranhão de hoje, aí o Bandeira Tribuzi morreu, aquilo foi um choque para mim porque eu considerava ele como um pai. Ele morreu, e o meu chefe que assumiu, o Cordeiro Filho, gostava muito do meu trabalho, mas era um cara assim muito doido, doido como eu, aí não deu certo. Aí eu cheguei nele: "Olha Cordeiro, eu estou trabalhando na Edigraf e no Estado do Maranhão. Se tu me der o dinheiro que eu ganho lá na Edigraf eu trabalho os dois períodos no Estado do Maranhão". Ele: "Rapaz, eu vou pensar no teu caso" "Ah, você vai pensar no meu caso?" "Aí eu fui lá no outro jornal que eu trabalhava de manhã, cheguei no diretor, o doutor Djarans Martins, que também já morreu: "Doutor Djarans se o senhor me der o dinheiro que eu ganho no Estado do Maranhão eu venho trabalhar aqui". Nem pensou duas vezes, chamou a secretária: "Socorrinho, assina a carteira do Fidelis aí". Assinou a minha carteira como se eu estivesse trabalhando dois períodos no jornal, e disse: "Olha, agora te prepara que o Cordeiro vai brigar contigo", o Cordeiro era o diretor do jornal. Quando chega no outro dia eu estava pedindo a Deus para que ele chegasse para me dar a minha carteira para dar baixa, ele chegou "Cordeiro, tá aqui minha carteira", aí ele se zangou, me chamou de filho de uma égua, aí eu falei: "Vai à via dos fatos logo" Aí eu tinha que pagar o aviso, depois ele me liberou, e começou "Rapaz, o jornal vai fechar", "Cordeiro, se fechar vou fechar junto com ele", eu falei contigo "Mas eu tava de cabeça quente", eu disse: "Pois é, você tem que pensar antes de fazer o negócio errado", aí ficou. Depois de muito tempo o jornal ia falir, ele fecha não fecha, aí o doutor Afonso comprou o jornal, aí fui trabalhar na Difusora, lá eu era diretor de arte, depois o jornal também não deu certo, aí ficou fecha não fecha.

ENTRADA NA VALE

Topógrafo

Aí meu irmão que trabalha aqui na Vale disse: "Rapaz, tem uma vaga lá na Vale, quer tentar?" "Mas eu trabalho com publicidade, trabalhar com desenho técnico agora vai ser complicado", "Mas tu vai lá". Eu fui e tinha uma fila, era imensa, para você ter uma idéia era uma fila como se fosse daqui até lá no prédio. Naquele momento a Vale estava chegando, recrutando novos funcionários, mas na realidade não era para a Vale, era para a Concremat. Aí eu fiz a prova e passei. Era levantamento topográfico, eu trabalhava como topógrafo. Isso foi em 81, eu vim trabalhar aqui.

Cortes

Eu já estava trabalhando, o nosso chefe tinha muitos desenhistas, disse: "Olha, eu vou demitir, eu tenho 16 desenhistas mas só preciso de dois". Deu um papelzinho para cada um, e quando foi no fim do mês, disse: "Olha, eu já escolhi o Fidelis e o irmão dele". Aí eu fiquei. Passei aqui na Vale já por uns 12 cortes, o último que passei só ficou eu da comunicação. Aí depois de um mês apareceu meu chefe, que é hoje quase o chefe da Vale na Comunicação, que é o Paulo Henrique Soares, que começou comigo, ele era estagiário, nós montamos um jornal chamado Bigs que ganhou o concurso da Aberje, cinco vezes, como o maior jornal de comunicação interna.

Topografia

Na realidade fiz muito desenho de topografia, depois fiz desenho mecânico, não gostava desse tipo de trabalho, mas eu precisava do dinheiro. Um dia eu encontrei com esse Rigoto, que também é maluco que nem eu, aí meu chefe tinha morrido, que era o Júlio, a máquina caiu morreu uns oito e ele foi um deles, inclusive morreu no dia do meu aniversário, dia 21 de outubro. Aí quando eu vim de férias, o Rogato vinha num Opala vermelho, disse assim: "Você quer uma carona?". Eu nem conhecia ele, eu disse: "Quero". E quando a gente estava vindo de lá para cá, ele disse: "Você trabalha aonde?" "Eu trabalho na área do arquivo técnico" "Mas você trabalha com que?" "Eu trabalho com desenho" "Mas você gosta de lá?" "Rapaz, eu trabalho lá porque não tem outro jeito, porque lá é uma merda" Então ele me disse assim mesmo: "Então você tá fudido", foi assim que ele me falou. Cheguei lá na sala encontrei o Manoel Tomas que era o chefe imediato "Seu Manoel aconteceu isso" "Então você tá fudido mesmo, porque ele que é o nosso chefe" Aí eu fiquei calado. "Rapaz, esse cara vai te pôr na rua" Uma semana depois o chefe me chama, falou: "Rapaz, você tá certo, você tá trabalhando no lugar errado. Eu tava olhando o teu passado aqui, tu é jornalista, tem que trabalhar na comunicação". Me passou para a comunicação, e aumentou o meu salário.

COMUNICAÇÃO

Demissões

Aí comecei a trabalhar na comunicação, e a comunicação da Vale eram duas: a do porto e a da ferrovia. Eu trabalhava no porto, e a comunicação da Vale mesmo era na ferrovia, só que a minha comunicação era melhor, apesar que lá só tinha gente formada e eu era da escola técnica. Mas a nossa comunicação aqui dava de pau neles lá. Aí ele viu, e ficou de olho em mim. Assim que teve a primeira oportunidade ele me recrutou, eu passei para a comunicação da ferrovia e na época foi todo mundo demitido só ficou eu. Aí depois tornaram a demitir, fiquei sozinho de novo. Agora estou trabalhando com outra equipe, e pretendo me aposentar. Faltam três anos. Aí vou voltar para jornal, televisão, que sempre gostei e que são o meu mundo

PRIVATIZAÇÃO

A privatização está sendo muito boa, está melhorando, mas eu não sei se era melhor como antes ou como agora. Ainda não consegui distinguir o que é melhor. Mas eu continuo na empresa e pretendo me aposentar aqui.

Artista catalogado

Aquele quadro é o seguinte, eu já fiz várias exposições, já ganhei vários prêmios de cartoon, de artes plásticas, então na Vale eu faço parte do catálogo de artistas do Maranhão. Então chegou um curador aqui, que não é nem da Vale, e queria 12 telas parece, não me lembro, então ele queria 12 artistas maranhenses. Ele chegou aqui e gostou, viu um trabalho meu, só que esses artistas aí fizeram um trabalho diferente, porque foi dado um tema, então muitos mandaram qualquer tipo de trabalho, um mandou um santo, outro mandou um boi. O meu tema era "Como é que você vê a Vale", acho que era isso.

Naufração

Aí vi um amigo meu construindo um navio, na época tinha um navio aqui que afundou, foi uma luta para tirar esse navio aí do... O navio tinha chegado aqui condenado, é como se você tivesse pego assim esse microfone e partido no meio, ele partiu no meio. Aí ele fez assim, um lado desceu e outro subiu, aí tinha minério de ferro e tinha outro minério que era meio perigoso acho que era óleo, aí tiraram, conseguiram tirar. Eu tenho as fotos desse navio afundando. Foi um mês de sofrimento, o presidente na época era o doutor Álvaro, ele era gordo e ficou magrinho. Um negócio mesmo de terror, inclusive foi filmado, e até a música que eles colocaram na filmagem parece daqueles filmes, o Titanic é amador perto... Mas não morreu ninguém não, quem morreu foi o navio, que partiu no meio, ele fez assim subiu e o outro lado afundou. Aí pra levantar esse precisou de muito dinheiro, veio gente da Holanda, de uma porção de lugares lá, inflaram até que submergiu aí levaram ele lá para dentro da água, atolaram ele e morreu lá. Afundou porque não tem como tirar aquilo da água é muito ferro, levaram ele para longe e...

CASOS DE TRABALHO

Festa de consolação

Eu sempre tive histórias para contar, sempre tive a sorte de fazer trabalhos bons e ser muito elogiado. Um dia, me convidaram para fazer um trabalho no hotel, fui com aquela parafernália de tinta, lápis, fita crepe, cheguei e vi que era uma festa para mim, uma surpresa, que foi muito bom. Eu tinha perdido muito amigo bom aqui na Vale, que foram demitidos e isso mexe muito com a gente. Já imaginou trabalhar com 15 pessoas e ficar só você e o prédio? Não dá vontade de tu pedi a conta? É demais.

Lavando o carro

Mas eu agüentei isso tudinho, passei um mês aqui no prédio, eu e meu carro. Botava meu carro aí, ficava lavando, não tinha nada para fazer. Aí daqui a pouco eu comecei a ver um gavião, eu achava bonito o gavião brigando com o carro, estava achando legal, quando fui ver o carro tava todo arranhado. Aí comecei a brigar com o gavião, ele chegava eu corria atrás dele para espantar, até que ele entendeu e não chegou mais. Mas acabou com a tinta do carro.

Briga com uma jibóia

Depois de muito tempo apareceu o Paulo Henrique. Uma outra vez, que nós fomos fazer um levantamento topográfico, no Mirante aqui, e o Hélio Rui pegou uma cobra de 6 metros, uma jibóia aí ele deu tanto de pau na cobra que ela chegou com a boca assim, torta, acho que quebrou. Aí tudo bem pegou a cobra o botou num cofô lá, e foi almoçar. Quando todo mundo voltou do almoço, passava lá, mas não acontecia nada. Quando passou o Hélio Rui, essa cobra ficou em pé, o carreirão foi feio, ela conheceu ele, rapaz, eu nunca tinha visto aquilo não. Ela bufava, queria pegar ele, precisou chamar o Butantã para pegar essa jibóia, o bicho era um monstro, o Butantã levou.

CIDADE

Cultura em São Luís

A vida cultural aqui é muito boa, diversificada. Tem Bumba-Boi, Tambor de Crioula, agora estamos na festa junina, mas aqui é uma cidade que o nosso problema aqui são os artistas. O baiano, por exemplo, faz aquelas músicas deles lá que não tem letra, não tem nada e vende para o mundo inteiro, pode prestar atenção. Se você for correr atrás da música maranhense, é música de primeira, se parece com a mineira, aquela modinha, aquela música boa, boa do cara curtir, mas não consegue voar. Porque o maranhense, se você é bom, eles lutam para te derrubar, não se unem para você subir. Pode ver que no Maranhão o cara não se projeta, tem poucos artistas que se projetam, mas aqui tem muito cara bom, inclusive tem um cara que é meu primo, que toca um violão, se você vê ele tocar, ele faz um boi completo no violão. Inclusive o Jô Soares levou até ele para fazer uma apresentação, ele também já esteve no programa do Faustão. Mas eu, eu não canto não, eu arranho violão, eu só sei desenhar mesmo. Inclusive eu ganhei agora um concurso de cartoon, primeiro lugar, estou com os troféus lá na sala. Participaram muitos artistas nacionais e internacionais, já ganhei várias vezes.

PERSPECTIVAS

Eu pretendo voltar para a Vale por uma empreiteira, mas se não der, tem muita agência aí que eu sei que me querem, jornal me quer, TV Educativa me quer, de vez em quando eles vem atrás de mim, quando os nego fala em botar gente para a rua aí eles correm para cá. Todos os donos das maiores agências de publicidade do Maranhão passaram na minha mão. Nunca troquei a Vale por essas agências. Agora, já estou para

me aposentar, eu não posso largar uma coisa que já está no fim. Na verdade, antes eu trabalhava nas agências. Por exemplo, o Alex Brasil dono da AB, que é uma agência de publicidade grande que tem aqui, começou comigo. O Eirson Almeida, que é dono da Imagine, começou comigo. O Rogério, dono da Open Door, começou comigo, a dona da VCR também, todos os donos das maiores agências de publicidade passaram na minha mão. Mas eu continuo aqui, trabalhando oito horas. Mas, eu pinto muito quadro, faço muita caricatura, grande assim, faço muito, painel, outdoor, cartaz, folder de história em quadrinhos, se você for lá eu lhe mostro, tenho os catálogos todinhos, eu tenho trabalho na França, na Alemanha, no Japão